

Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra

O MOSTEIRO DE SANTA CRUZ é o mais importante monumento coimbrão, quer pelo seu valor artístico quer pela sua história. A sua fundação foi uma das primeiras afirmações materiais de poder daquele que primeiro haveria de cingir a coroa régia nacional, Afonso Henriques.

A construção iniciou-se a 28 de Julho de 1131, no local onde existiam os "banhos régios", então ainda fora dos muros defensivos da cidade, e a duas escassas centenas de metros da fronteira portuguesa com as terras islâmicas: o Rio Mondego. Se a fundação foi régia, não deixou de ser importante a acção junto do jovem Príncipe do Arcediago D. Telo e do Mestre-Escola D. João Peculiar. Logo no ano seguinte, São Teotónio foi eleito prior da comunidade religiosa, que contava já, em 1132, com setenta e dois membros.

O projecto e direcção das obras devem ter estado a cargo do Mestre Roberto que, anos depois, edificaria também a Sé. Roberto terá planeado uma igreja de nave única, mas excepcionalmente forte, com três capelas de cada lado, igualmente abobadadas, e com os eixos perpendiculares à nave, servindo assim de gigantescos contrafortes. A cabeceira era tríplice, sendo a ábside bastante maior que os absidiolos. No topo contrário ficava um nartex-torre-defensiva da largura e comprimento da nave e com dois andares.

Em épocas sucessivas, o aspecto das diversas dependências foi sendo alterado profundamente, nomeadamente na época do priorado de D. Pedro Gavião, durante o reinado de D. Manuel I. Em 1507 depois da visita deste Monarca, quando se deslocou em peregrinação a Santiago de Compostela, o templo e as dependências monásticas foram completamente transformadas; as obras só terminaram no reinado de D. João 111. Durante os séculos XVII e XVIII, houve outros trabalhos, nunca parando em Santa Cruz a execução de benfeitorias.



ROTEIRO para o PATRIMÓNIO

A actual fachada, feita entre 1507 e 1513, segue as linhas da época medieval. Igualmente no século XVI, entre 1522 e 1526, foi acrescentado o portal concebido por Diogo de Castilho, mas cuja obra escultórica foi deixada ao cuidado do grande escultor francês Nicolau Chanterene. Depois de 1530, foram acrescentadas as três esculturas que se encontram sobre a porta de entrada, ao nível do coro-alto, representando a Virgem, um Profeta e o Rei David; são da autoria de João de Ruão.

Antecede a frontaria um belo arco triunfal, já do início do século XIX, cujo plano foi traçado por José do Couto.

O interior da igreja é espaçoso, apesar de só ter uma nave. Sobre a entrada, ergue-se o coro-alto construído por Diogo de Castilho, em 1530, no qual se destaca a abóbada inferior de tipo estrelado. A decoração já inteiramente renascentista é da autoria de João de Ruão. O abobadamento geral do corpo da igreja e da capela-mor só foi construído, entre 1507 e 1513, durante o priorado de D. Pedro Gavião, no tempo em que Boytac foi o mestre das obras do Mosteiro.

Lateralmente, abrem-se diversas capelas quatrocentistas e quinhentistas, mas cujos arcos de entrada são já do século XVIII. A mais antiga é a dos Mártires de Marrocos, situada do lado direito, junto da sacristia nova, tendo sido mandada construir pelo faustoso Prior D. Gomes que, antes de vir para Coimbra, foi Prior da Abadia de Florença. É uma obra gótica tradicional e data de meados do século XV.

Um dos grandes motivos de interesse da nave é o magnífico conjunto de azulejos historiados, barrocos e monocromáticos, em azul, de fabrico lisboeta do século XVIII. Os da parede da esquerda são alusivos à Santa Cruz, enquanto os do lado oposto têm por tema a Vida de Santo Agostinho.

No flanco esquerdo, junto à capela que comunica com o claustro, fica o púlpito, a mais notável obra de escultura deste género de todo o renascimento português, e que já na época causou espanto e admiração. Estruturalmente está ligado ao gótico, mas todos os seus elementos ornamentais mitológicos são renascentistas. Esculturas, baixos relevos, motivos ornamentais atingem um nível de execução

nunca ultrapassado, e nos quais o seu autor demonstra um magnífico conhecimento da gramática estilística do século XV do Centro e Norte de Itália. Saiu das mãos de Nicolau Chanterene, que o executou em 1521, data inscrita numa cartela.

(...) A capela-mor é coberta por uma abóbada da mesma estrutura, época e autoria das da nave, e possui um majestoso altar barroco de madeira, mas imitando mármore, e que é a matriz de um núcleo de obras afins existentes em Coimbra e no seu aro. A tela que fechava o camarim, que se conserva na sacristia, tem por tema a Exaltação da Cruz e é uma obra oitocentista da autoria de António José Gonçalves, que substituiu uma idêntica do século anterior.

O principal motivo de interesse da cabeceira reside nos túmulos dos Reis. São duas obras complexas, nas quais trabalharam diversos artistas de muito mérito e, quer pela qualidade quer pelas dimensões, são os mais importantes túmulos existentes em Portugal. A sua construção ficou a dever-se à iniciativa de D. Manuel I que, quando da sua já referida passagem por Coimbra, não achou condignas de monarcas como D. Afonso Henriques e D. Sancho I as arcos tumulares em que os encontrou sepultados, então na parte baixa do nartex da igreja Porém, só dezasseis anos depois, se iniciaram as obras que culminaram na mais bela realização da tumulária nacional. Diogo de Castilho foi encarregado de pôr em prática o plano do seu irmão, o mestre régio João de Castilho e, em 1518, rumou do Mosteiro dos Jerónimos de Lisboa com a companha que faria a obra. A ele se deve a direcção; a Nicolau Chanterene as esculturas jacentes, as primeiras plenamente renascentistas feitas em Portugal; a Diogo Francisco, Pêro Anes, Diogo Fernandes e João Fernandes, além de outros cujos nomes desconhecemos, as esculturas e os elementos decorativos dos túmulos. Os três primeiros trabalharam com Nicolau Chanterene no portal axial dos Jerónimos, e o último com Diogo de Castilho, na: mesmas obras de Belém. Os túmulos estavam inicialmente nas paredes da nave, rodeados por grades altas, mas foram transferidos para onde agora estão, em 1535.

(...) O claustro do silêncio foi construído, entre 1517 e 1522, sobre o casco de um anterior, provavelmente românico, tendo dirigido as suas obras o mestre régio



Marcos Pires. Num dos ângulos da quadra central, fica a fonte de Paio Goterres, importante pelos ornamentos naturalistas.

É de plano quadrangular, de cinco capelas por lado, completamente abobadado na zona baixa, segundo o tipo do gótico final. Os motivos decorativos estão impregnados de forte naturalismo. Em altura, tem dois andares, sendo o térreo o mais desenvolvido.

Em cada topo das naves ou alas, foram colocados magníficos relevos da autoria do escultor Nicolau Chanterene. Hoje só três estão visíveis: o Ecce Homo, o Caminho do Calvário e a Descida da Cruz; o primeiro reproduz uma gravura de Albrecht Durer.

No centro do claustro há um excepcional tanque com chafariz, de estilo maneirista, datado de 1639.

O lanço superior do claustro dá acesso ao coro-alto onde está o cadeiral manuelino, a melhor obra do género de quantas se conservam em Portugal, datadas desta época. Foi executado pelo entalhador flamengo Machim, em 1512, tendo ficado inicialmente na capela-mor até que, em 1531, foi colocado onde hoje se encontra, altura em que lhe foram acrescentadas as cadeiras dos extremos, da autoria do francês Francisco Lorete. É de estrutura e decoração góticas, excepto o que saiu da mão de Lorete, já de estilo renascença, e a temática está intimamente ligada à expansão ultramarina portuguesa.

Nas traseiras do conjunto monástico situa-se o CLAUSTRO DA MANGA, bela construção renascentista de uma pureza de estilo raramente ultrapassada, entre nós.

A obra, antigamente conhecida por Fonte da Manga, situava-se no centro de um dos três claustros do Mosteiro de Santa Cruz, e a sua construção foi promovida pelo Prior Reformador Frei Brás de Braga. Depois da extinção das ordens religiosas, e para regularização do traçado viário adjacente, uma das alas do claustro foi destruída, tendo as restantes vindo a ser remodeladas, em meados do século XX.

João de Ruão traçou o seu plano e executou os baixos-relevos para o interior dos quatro cubelos ou capelas, trabalho pelo qual cobrou a avultada quantia de



ROTEIRO
para o
PATRIMÓNIO

140.000 reais. A obra de pedraria ficou a cargo de Pêro de Évora, Diogo Fernandes e Fernão Luís que, em 1533, celebraram o respectivo contrato de empreitada. As cantarias foram da responsabilidade do mestre Jerónimo Afonso.

É uma das primeiras obras arquitectónicas inteiramente renascentistas feitas em Portugal e alia-se a este facto o seu valor simbólico, e a sua estrutura evocativa da Fonte da Vida, ideia a que não deve ter sido estranha a intervenção de Frei Brás de Braga.

Fonte: Pedro Dias, Coimbra, Guia para uma visita, Coimbra, 2002, pp. 99-106